

A GÊNESE DO SER SOCIAL ATRAVÉS DO TRABALHO

Maicon José Fortunato

Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Ilha Solteira, SP, Brasil

Rodrigo Chiozi

Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Ilha Solteira, SP, Brasil

Resumo: O presente trabalho procura analisar a gênese do ser social através da categoria do trabalho. Desse modo, abordamos a Ontologia de Georg Lukács e a sua concepção sobre o trabalho humano. Nossa proposta visa apresentar os argumentos elaborados pelo pensador para justificar a importância da atividade do trabalho na criação e humanização do homem. Um dos aspectos destacados nesse artigo está em defender a tese de que o trabalho humano, diferentemente, das atividades laborais dos outros animais, permitiu ao homem realizar um salto qualitativo no modo de reprodução de sua existência. A principal marca desse processo é a teleologia humana, característica singular no homem e que lhe permite imprimir um novo ser na realidade.

Palavras-chave: *Trabalho. Ser Social. Ontologia. Lukács.*

Abstract: The present work seeks to analyze the genesis of the social being through the category of labor. Thus, we approach Georg Lukács' Ontology and his conception of human labor. Our proposal aims to present the arguments elaborated by the thinker to justify the importance of the labor activity in the creation and humanization of man. One of the aspects highlighted in this article is to defend the thesis that human labor, unlike the work activities of other animals, allowed man to make a qualitative leap in the way of reproducing his existence. The main mark of this process is human teleology, a unique characteristic in man that allows him to imprint a new being on reality.

Keywords: *Labor. Social Being. Ontology. Lukács.*

INTRODUÇÃO

Neste artigo¹ exploramos a concepção de Georg Lukács acerca da gênese do ser social através do trabalho. Procuramos identificar a tese da Ontologia de Lukács que defende a categoria do trabalho como ponto de partida para a origem e desenvolvimento da vida humano-social. Além disso, analisamos os argumentos abordados pelo autor acerca da singularidade do trabalho e de que maneira através dele o homem realizou um salto qualitativo no modo de reproduzir a sua existência. Nesse sentido, iniciamos a análise apontando para as distinções entre as esferas ontológicas, ou seja, quais são as formas de seres que habitam a realidade e quais são as suas características singulares. Depois, abordamos os argumentos acerca do processo de humanização do homem pelo trabalho. Neste ponto, em especial, utilizamos as reflexões de Engels em “A dialética da Natureza”. Logo após, procuramos identificar como Lukács descreve as características do trabalho humano e de que maneira a presença da consciência intencional faz nascer um novo tipo de ser. Por fim, tentamos demonstrar as distinções entre a atividade laboral dos animais e a atividade do trabalho humano. Nosso intuito é expor elementos para uma compreensão mais clara acerca da tese lukacsiana em que se coloca o trabalho como centro da atividade criadora do modo de vida desenvolvido pelo ser humano.

SOBRE AS TRÊS ESFERAS ONTOLÓGICAS

Ao analisar a realidade Georg Lukács propõe a existência de três esferas ontológicas que estruturam as formas de ser e de vida no mundo em que vivemos. Elas são respectivamente a esfera inorgânica, orgânica ou biológica e a social. Essas esferas nada mais são do que as formas de realidade que se relacionam entre si e que expressam o que está à nossa volta, compreendo tanto os seres animados ou inanimados. Para entendermos melhor esse raciocínio, usaremos o apontamento do autor Sérgio Lessa, em que diz:

¹ Este artigo é o resultado de um projeto de iniciação científica (PIBIC-IFSP) realizado no ano de 2021. O projeto foi desenvolvido com estudantes do ensino médio integrado do IFSP, Campus Avançado Ilha Solteira.

Para Lukács, portanto, existem três esferas ontológicas distintas: a inorgânica, cuja essência é o incessante tornar-se outro mineral; a esfera biológica, cuja essência é o repor o mesmo da reprodução da vida; e o ser social, que se particulariza pela incessante produção do novo, através da transformação do mundo que o cerca de maneira conscientemente orientada, teleologicamente posta. (LESSA, 2016, p. 19-20)

Logo, quando olhamos essa explicação devemos entender a seguinte situação: o ser inorgânico compreende todas as formas materiais desprovidas de vida e que se desenvolvem em um processo de combinação e justaposição entre matérias. De acordo com Lukács, a processualidade da esfera inorgânica é marcada por um constante tornar-se-outro. Seu processo de transformação e evolução, nada mais é do que um ciclo pelo qual algo se transforma em um outro algo distinto. Conforme argumenta LESSA, “a pedra se converte em terra, a montanha em vale, a força mecânica em calor, etc.” (2016, p.17) O ser inorgânico por se transformar em uma matéria distinta da base inicial e, a partir daí, cria as condições para o desenvolvimento de uma outra forma de ser, ou seja, a esfera biológica. Para entendermos essa esfera devemos partir de algo que Lukács nomeia de reprodução do mesmo, como é descrito a seguir:

A análise da gênese da vida, da esfera biológica, evidencia que o que distingue a matéria orgânica da matéria inorgânica é o fato de a primeira apenas existir através de um ininterrupto processo de reposição do mesmo (a goiabeira repõe goiabeiras, que repõem goiabeiras, etc.), enquanto a processualidade inorgânica é marcada por um infindável tornar-se-outro (LESSA, 2016, p.22)

Ou seja, temos aqui a distinção entre o ser inorgânico e orgânico. Enquanto no primeiro temos um processo que produz sempre o outro, a pedra que se converte em terra, no segundo (orgânico) a reprodução é marcada pela existência dos ciclos, por exemplo, as goiabas ao caírem do pé poderão ser novas goiabeiras, como também poderão prover nutrientes para as outras goiabeiras ao sofrerem o processo de decomposição. Logo, a forma como o ciclo se dá, nada mais é, do que o repetir-se para sua própria manutenção, ou seja, sempre será a goiaba a cair, a se decompor, a crescer e ao florir prover novos frutos.

As esferas inorgânica e biológica precedem e são as bases fundamentais para o desenvolvimento de uma terceira esfera ontológica, a esfera do ser social. De acordo com Lukács, o ser social compreende toda forma de desenvolvimento da vida

humana, que é marcada por ter características que lhe são singulares e que não podem ser encontradas nos seres inorgânicos e biológicos. Tais características garantem ao homem um modo de vida e de reprodução próprio. Acerca das distinções entre essas três esferas, Lessa destaca:

Entre a esfera inorgânica, a esfera biológica e o ser social, existe uma distinção ontológica (uma distinção nas suas formas concretas de ser): a processualidade social é distinta, no plano ontológico, dos processos naturais. Enquanto no ser social a consciência joga um papel fundamental, possibilitando que os homens respondam de maneira sempre nova às novas situações postas pela vida, na trajetória da goiabeira a sua reprodução apenas é possível na absoluta ausência da consciência. Apenas uma processualidade muda (isto é, incapaz de se elevar à consciência do seu em-si) pode se consubstanciar numa incessante reprodução do mesmo (LESSA, 2016, p.15-16)

De acordo com a explanação de Lessa, a distinção fundamental entre o ser biológico e o ser social está no fato de que no primeiro os processos de reprodução é algo que está “programado” para acontecer como algo que sempre se repete e que é marcado pela ausência da consciência, entretanto, na esfera social isso muda principalmente devido ao papel da consciência na manutenção e reprodução deste ser. Iremos explorar o caráter consciente do agir humano no próximo tópico, mas cumpre destacar o fato de que a reprodução do ser social, diferentemente da reprodução biológica, está marcada pela produção de algo novo. O fato do ser social possuir uma ação intencional (consciente) permite que ele transforme tudo a sua volta com um objetivo em mente. Ele usa essa capacidade a seu favor e com isso projeta objetivos a fim de satisfazer as suas necessidades. E nesse processo acaba sempre criando o novo, com isso podemos entender a criação de certas práticas nos primórdios da humanidade, em vez de caçar o homem começa a criar animais, em vez de colher da floresta certos frutos, legumes e ervas, o homem as plantas e depois as colhe.

Esse aspecto nos traz ao centro da nossa análise, isto é, entender quais elementos permitiram ao homem realizar essa mudança qualitativa no seu estilo de vida produzindo um modo de ser que possui suas próprias determinações. Lukács lembra que a mudança de se elevar do modo de vida biológico para o modo de vida social foi marcada por um salto ontológico. Em sua concepção, o salto ontológico implica:

(...) numa mudança qualitativa e estrutural do ser, na qual a fase inicial contém certamente em si determinadas premissas e possibilidades das fases sucessivas e superiores, mas estas não podem se desenvolver daquelas a partir de uma simples e retilínea continuidade. A essência do salto é constituída por essa ruptura com a continuidade normal do desenvolvimento e não pelo nascimento repentino ou gradual, ao longo do tempo, da nova forma de ser. (LESSA, 2016, p.23)

Desse modo, podemos entender que ao realizar o salto da esfera biológica para a esfera social, o ser humano produziu uma ruptura com o modo de reprodução do mundo biológico. A marca desta ruptura está no fato de que a vida humana ao se reproduzir se faz a partir da capacidade de criar o novo. E ainda, esta reprodução se dá através da transformação consciente do real, ou seja, através de ações que são intencionais e que criam novas possibilidades, novos objetos, novos conhecimentos e etc. Na perspectiva de Lukács, a chave para compreender esse processo de ruptura está na atividade do trabalho. Como veremos a seguir, ao realizar o trabalho para satisfazer as suas necessidades a espécie humana potencializou a sua capacidade de interação e intervenção no mundo e através da atividade do trabalho promoveu o salto para uma nova forma de vida: o ser social.

POR QUE O TRABALHO HUMANIZA O HOMEM?

Ao longo da evolução humana nossos ancestrais primitivos necessitaram de certas condições para sobreviverem no meio natural, suas necessidades como a alimentação, reprodução, abrigo e adaptação apenas podiam serem satisfeitas através da interação com o mundo natural. Nesta interação, o primata modificava o ambiente em que vivia para, então, utilizá-lo segundo os seus interesses. Todo o processo se orientava através do trabalho, já que ele é a atividade humana, por excelência, que realiza a interação com a natureza na busca da satisfação de um conjunto de necessidades. Essa é uma marca fundamental do desenvolvimento da espécie humana e pode ser observada em todos os estágios da nossa história, por exemplo, no desenvolvimento da agricultura e da pecuária.

Acerca da importância da atividade do trabalho no processo de humanização do homem, encontramos em Engels (*Dialética da Natureza*, 1979) algumas importantes reflexões. Para Engels, a espécie humana contou com vários fatores que

colaboraram com o seu desenvolvimento. Ele destaca, por exemplo, aspectos biológicos que através da adaptação e da atividade do trabalho permitiram o desenvolvimento da posição ereta do corpo e da autonomia das mãos. Engels argumenta que com a mão livre nossos ancestrais podiam “adquirir cada vez mais destreza e habilidade; e essa maior flexibilidade adquirida transmitia-se por herança e aumentava de geração em geração” (ENGELS, 1979, p.216-217). Tais características ajudaram o homem a plantar, colher e cavar, tarefas que se tornaram possíveis para o homem devido às suas características físico-biológicas e à sua adequação e evolução através da atividade do trabalho.

Engels também destaca nesse processo a importância que teve a adaptação ao clima e ao modo de preparar a alimentação. Os desafios enfrentados nas fases migratórias, em que ao mudar de habitat o homem também enfrentava mudanças nas condições climáticas, produziram novas exigências e obrigações que o levaram a procurar formas de se proteger como, por exemplo, a habitação e a vestimenta. “Surgiram assim novas esferas de trabalho, e com elas novas atividades, que afastaram ainda mais o homem dos animais” (ENGELS, 1979, p.221). Por sua vez, a alimentação a base de carne e seu cozimento resultaram em dois novos avanços de importância decisiva: o uso do fogo e a domesticação dos animais. Engels argumenta que a ingestão de alimentos ricos em nutrientes, proteínas e demais iguarias fizeram do corpo do homem forte e capaz de desempenhar tarefas antes impossíveis por conta de sua condição física, além disso, o processo de cozinhar alimentos fez com que esses alimentos fossem melhor digeridos e, principalmente, absorvidos ao corpo tornando esse fator essencial para o condicionamento físico humano. A domesticação de animais também é um fator considerado por Engels, principalmente ao dizermos que esse foi um avanço genuíno por conta de ter o alimento próximo, assim não precisando andar longas distâncias ou então usar de métodos cansativos de caça. Também é possível destacar, assim como Engels diz, que ao manter os animais domesticados além dos nutrientes providos da carne, há aqueles providos dos próprios animais, como o leite e seus derivados e que fornecem além do cálcio outras proteínas e vitaminas para o homem. (ENGELS, 1979, p.221)

Outro aspecto desenvolvido pela análise de Engels está em compreender que em determinado momento da história os homens sentiram a necessidade de se

agruparem. As atividades antes realizadas individualmente ou em pequenos grupos já não supriam as necessidades do coletivo, logo, a interação com mais pessoas na realização dos trabalhos diários produziu qualidades essenciais para o desenvolvimento humano. Dentre essas qualidades está o aparecimento da fala, que tem o seu surgimento marcado pela necessidade de comunicação entre os homens. Com o trabalho coletivo os humanos são levados a estabelecer contatos mais complexos. A necessidade da interação coletiva faz surgir o órgão da fala, conforme argumenta Engels. Órgão da fala desenvolvido pelos nossos ancestrais e que agora, devido ao seu condicionamento e necessidade, se adapta para realizar as comunicações mais abstratas e complexas. Como consequência desse processo temos o desenvolvimento da socialização, que através da divisão do trabalho e do aparecimento da comunicação permite aos homens exporem seus pensamentos e a organizarem as atividades coletivas de maneiras mais vantajosas. Podemos perceber isso, por exemplo, com as novas práticas para produzir a alimentação, bem como, outras necessidades que se alteraram qualitativamente por conta do desenvolvimento do gênero humano. O trabalho coletivo permitiu a aparição da noção de “bem comum” o que ficou posteriormente conhecido como as primeiras comunidades que saíram do nomadismo e se tornaram sedentárias, ou seja, se fixaram em lugares estratégicos.

Por fim, outro ponto a se destacar da evolução gerada pelo trabalho está no fato de que em meio a esse processo de desenvolvimento, o órgão que mais se complexificou foi o cérebro, que se tornou mais racional, objetivo, abstrato e, com isso, ganhou novas condições para a utilização de meios lógicos. Com o desenvolvimento do cérebro temos a qualificação da consciência humana, elemento imprescindível para compreender a especificidade do ser social. A consciência permite o discernimento e a capacidade de agir de forma intencional, condições que possibilitaram ao homem realizar a produção de uma nova esfera de ser.

Enfim, a nossa explicitação, até aqui, nos permite acompanhar os argumentos de Engels ao dizer que através do trabalho o homem passa pelo processo de transformação e humanização. A relação do ser humano com o meio ambiente num constante processo de adaptação através do trabalho, intensifica o surgimento de novas habilidades e qualidades e estas, em última instância, têm como consequência

a criação do mundo dos homens. Acerca destas conclusões, Lessa apresenta uma reflexão bastante explicativa:

É essa propriedade essencial ao trabalho — ser um tipo de reação ao ambiente que produz algo ontologicamente antes inexistente, algo novo — que possibilita ao trabalho destacar os homens da natureza. Em outras palavras, é a capacidade essencial de, pelo trabalho, os homens construírem um ambiente e uma história cada vez mais determinada pelos atos humanos e cada vez menos determinadas pelas leis naturais, que constitui o fundamento ontológico da gênese do ser social. E toda essa processualidade tem, no processo de generalização detonado pelo trabalho, seu momento fundante (LESSA, 2016, p. 65)

AS CARACTERÍSTICAS DA CATEGORIA DO TRABALHO

Como vimos anteriormente, o trabalho cria as condições para a transformação da espécie humana em um tipo específico de ser que é o ser social, isto é, com o trabalho ocorre o processo de humanização do homem, cuja característica essencial é a constituição de uma nova forma de produção e reprodução da vida pautada na construção do novo: mundo social e cultural.

Mas quais são as características do trabalho? Como ele se estrutura e de que modo ele realiza esse processo de construção do novo? Para pensarmos essas questões tomaremos como ponto de reflexão a definição apresentada por Marx, vejamos:

Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador e, portanto, idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tende subordinar sua vontade (MARX, 1985, p. 149-150).

A problemática inicialmente apresentada por Marx realiza a comparação entre a atividade executada por uma abelha e o trabalho executado pelo ser humano. Ele faz o questionamento de que a abelha, como é natural dos animais, apenas executou uma ação seguindo suas determinações biológicas. Ao construir os favos a abelha

não realiza uma ação intencional (ação previamente pensada e executada racionalmente), mas apenas utiliza um traço geneticamente determinado e, ao mesmo tempo, reproduz o modo de vida da esfera biológica, que consiste em sempre criar o mesmo. Marx também diz que a diferença entre “o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera” (MARX, 1985, p. 149-150). Ele quer tratar de uma característica que se apresenta singularmente no homem. A construção mental que o arquiteto realiza em sua cabeça é uma capacidade que não se evidencia em outros animais. De modo que essa capacidade permite ao arquiteto (trabalhador) obter um resultado que já estava previsto no início de sua ação. Como veremos a seguir, Lukács irá conceber esse processo a partir de dois momentos conceituais: prévia-ideação e objetivação. Outro destaque importante está na passagem em que Marx diz: “Ele (arquiteto) não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo” (MARX, 1985, p. 149-150). Como dissemos ao utilizar um tipo de pedra diferente, o arquiteto faz o que fora imaginado se tornar real, isso implica principalmente na mudança como um todo do que foi materializado.

Lukács acompanha essa definição de Marx e detalha os elementos da categoria do trabalho a partir da relação entre dois conceitos essenciais: os conceitos de teleologia e causalidade. De acordo com Lukács:

O trabalho é formado por posições teleológicas que, em cada oportunidade, põem em funcionamento séries causais. Basta essa simples constatação para eliminar preconceitos ontológicos milenares. Ao contrário da causalidade, que representa a lei espontânea na qual todos os movimentos de todas as formas de ser encontram a sua expressão geral, a teleologia é um modo de pôr - posição sempre realizada por uma consciência - que, embora guiando-as em determinada direção, pode movimentar apenas séries causais. (2007, p.6)

Para iniciarmos o raciocínio, temos que primeiramente entender o que é a teleologia e a causalidade. Conforme argumenta Lukács “o trabalho é formado por posições teleológicas que, em cada oportunidade, põem em funcionamento séries causais” (LUKÁCS, 2007, p.6), com isso o autor quer dizer que o trabalho é uma atividade que parte de uma ação pensada e que coloca em execução novas formas de combinação da natureza. Esse processo de pensar e idealizar uma ação antes de

executá-la é denominado de teleologia. A teleologia é a capacidade humana de, através do trabalho, organizar idealmente finalidades e objetivos que pretendem atingir ao realizar uma ação

Por outro lado, a causalidade representa, como menciona Lukács, “a lei espontânea na qual todos os movimentos de todas as formas de ser encontram a sua expressão geral” (LUKÁCS, 2007, p.6). Desse modo, a causalidade é as leis da natureza, ou seja, representa essa “regra” que existe no mundo e que Lukács chama de lei espontânea, porque não foi criada por uma pessoa ou um espírito superior, mas que existe por si mesma, obedecendo sempre as regras e leis do mundo natural. Na interação entre teleologia e causalidade Lukács entende que cabe à consciência humana usar as leis e aplicar de acordo com as suas finalidades. Sinteticamente, podemos dizer que no processo do trabalho há um fim que se quer atingir e que para isso é preciso usar a natureza. O fim que se executa é a teleologia e as leis da natureza que se manipula são a causalidade

Desse modo, podemos entender o trabalho como uma síntese entre teleologia e causalidade, ou seja, a união da consciência intencional do ser humano com as regras do mundo natural. Assim, fica evidente que o trabalho possui duas etapas, uma voltada para a idealização e outra para a execução. Sérgio Lessa explica esses dois momentos através dos conceitos de prévia-ideação e objetivação. De acordo com o teórico, o momento do trabalho que trata do planejamento e que antecede e dirige a ação é o momento da prévia-ideação. Pela prévia-ideação, as consequências da ação são antevistas na consciência, de tal maneira que o resultado é idealizado (ou seja, projetado na consciência) antes que seja construído na prática (LESSA, 2016, p.28).

Conforme vimos anteriormente, quando o arquiteto pensa em um prédio, ou quando ele “o constrói em sua cabeça”, como diz Marx, temos que esse momento recorrente nada mais é do que a própria prévia-ideação. Essa qualidade que é algo único e característico da esfera do ser social, torna o homem singular no meio em que habita, por isso Marx argumenta que uma aranha tecelã é capaz de construir teias complexas, mas que ela não pode saber quantas linhas ou até mesmo quantos cruzamento de linhas formam sua teia. Por outro lado, o arquiteto entende que na execução do seu trabalho haverá tantas janelas e portas, dimensões de altura, largura e profundidade da obra, o número de ferragens, vigas e colunas para sustentar a

edificação, enfim, ele entende que tem que projetar idealmente os resultados que pretende atingir para ter êxito em sua execução.

As consequências das prévias-ideações são a boa ou má execução do trabalho, esse processo de concretude e materialização dos fins idealizados é denominado de objetivação. Lessa descreve esse momento como “o processo que articula a conversão do idealizado em objeto”, e ainda, destaca que através da objetivação “uma posição teleológica se realiza no âmbito do ser material como nascimento de uma nova objetividade”. (LESSA, 2016, p.29).

Logo, como dito por Lessa, através dos pensamentos de Lukács, temos que a objetivação é o porquê ou a causa de estarmos executando algo. Tomando ainda como exemplo a citação de Marx, o arquiteto ao pensar, desenhar e construir um edifício não tem somente em sua mente que ao realizar todo esse processo conseguirá dinheiro pelo seu trabalho, isto é, uma forma como a nossa sociedade atual o recompensa por seus esforços, mas também terá em mente a finalidade a ser objetivada e que deve atender a uma necessidade social. Neste caso, o edifício caso seja de caráter habitacional servirá de moradia para outras pessoas e, sendo assim, o arquiteto deve executar seu projeto pensando nessa finalidade, utilizando de sua consciência para determinar certas modificações no ambiente, tendo em vista o bem-estar das pessoas. Todo esse processo faz parte da objetivação, que é o resultado concreto da elaboração ideal realizada pelo trabalho do arquiteto. Enfim, através destes exemplos percebemos como Lukács destaca a importância da atividade do pensamento no processo de elaboração do trabalho e ainda, o filósofo compreende que a teleologia (colocar fins às ações) é uma característica singular ao ser social, apenas o homem é capaz de idealizar e projetar conscientemente o futuro de suas decisões.

AFINAL, O QUE DIFERE A ATIVIDADE HUMANA DA ATIVIDADE ANIMAL?

Chegamos então a um dos pontos importantes de nossa análise, que é demonstrar a diferença entre a atividade animal e o trabalho humano. Podemos sinteticamente dizer que se trata da distinção entre a atividade meramente instintiva e a atividade realizada de forma consciente e pensante. Ao discorrermos sobre esses

termos, temos que ter em mente a ideia de que essas duas ações embora distintas guardam certas semelhanças, por exemplo, assim como os animais o homem também se utiliza dos instintos para se adaptar ao meio ambiente. Como vimos antes, através desse processo foi possível ao homem transformar o meio a sua volta para sanar as suas necessidades, de tal forma que essa transformação permitiu que ele se tornasse um animal diferente. No excerto de Engels temos uma compreensão sobre esse ponto:

O homem, porém, quanto mais se afasta da animalidade, tanto mais sua influência sobre a natureza ambiente adquire o caráter de uma ação prevista, que se desenvolve segundo um plano, dirigida no sentido de objetivos antecipadamente conhecidos e determinados. O homem destrói para semear grãos no terreno assim limpo, para plantar árvores ou vinhas que, ele o sabe perfeitamente, produzirão muitas vezes mais do que o semeado (ENGELS, 1979, p. 222)

Portanto, temos no ser social um tipo de comportamento em que as ações se constroem de forma previamente determinadas, isso se dá por conta de sua capacidade única de ser consciente, apenas no ser social o agir teleológico faz de suas atividades únicas, diferenciando-se das atividades dos seres irracionais ou de racionalidade limitada, por conta de que tais seres estão presas à esfera biológica. Engels ainda ressalta que as ações exercidas pelos animais são nada mais do que atividades causais aquelas que não têm uma teleologia e que não produzem um ser novo, mas apenas reproduzem incessantemente o mesmo. O filósofo também destaca que diferentemente das ações humanas, as ações dos animais não causam grandes impactos ao meio, apesar de modificarem a natureza exterior o fazem em grau distinto ao homem., E por fim, a atividade animal é inteiramente involuntária e constitui um fato acidental ou de não intencionalidade. Já o ser homem, quanto mais se afasta dos animais, “mais sua influência sobre a natureza adquire um caráter de uma ação intencional e planejada, cujo fim é alcançar objetivos projetados de antemão”. (ENGELS, 2004, p. 222-223)

Outro aspecto de denota a diferença entre humanos e animais está no fato de que ao trabalhar o homem realiza não apenas uma transformação na natureza, mas também uma transformação no seu ser. Os animais permanecem sempre em seus estágios evolutivos e num ciclo de obediência às leis biológicas. Por mais que aconteça transformações nos animais, elas são sempre condicionadas ao processo da evolução biológica. No ser humano evidenciamos uma outra forma de

transformação que é marcada pela capacidade racional de controle de si ou autocontrole e que, por sua vez, permite uma elevação à consciência de si ou autoconhecimento. Acerca deste aspecto, Lukács apresenta uma reflexão importante:

Referimo-nos, naturalmente, aos efeitos que o trabalho produz no próprio homem que trabalha: a necessidade de seu domínio sobre si mesmo, a luta constante contra os próprios instintos, afetos etc. Já dissemos, mas é preciso repetir, aqui com particular ênfase, que o homem se tornou homem exatamente nessa luta, por meio dessa luta contra a própria constituição naturalmente dada, e que o seu desenvolvimento ulterior, o seu aperfeiçoamento, só pode seguir se realizando por esse caminho e com esses meios. Não é por acaso que os costumes dos povos primitivos já coloquem tal problema no centro do comportamento humano adequado; como também não é casual que toda grande filosofia moral, a partir de Sócrates, dos estoicos e de Epicuro até pensadores tão diferentes como Espinosa e Kant, depare-se continuamente com esse problema como a questão central do comportamento verdadeiramente humano (LUKÁCS, 2012, p.155).

Podemos perceber que a estrutura do trabalho é capaz de agir sobre o homem promovendo o desenvolvimento de suas faculdades mentais. A luta constante contra os instintos, de que nos fala Lukács, é uma luta contra a imposição da própria animalidade e sua conversão ao domínio do racional. Isto se reflete no aprimoramento de habilidades como, por exemplo, a destreza e a atenção. Temos assim o processo de autoformação do próprio sujeito que trabalha. Fortes nos lembra da importância do trabalho ao mencionar que:

(...) O trabalho revela-se como a gênese do processo autoconstitutivo do ser social, tanto de seu mundo objetivo como de si mesmo. Esses são os primeiros indicativos e as primeiras justificativas pelos quais, segundo Lukács, o trabalho deve ser entendido como a base originária das formas mais complexas da prática social (FORTES, 2016, p.111).

Esse processo de autocontrole e autoconhecimento imprime no homem a capacidade de ir para além de um processo de adaptação da natureza, mas também garante uma ação de intervenção e de criação. É por isso que o trabalho humano é uma atividade singular, pois é capaz de criar algo novo na realidade, de trazer à vida objetos, ideias e comportamentos que não se produzem pelo simples reproduzir biológico dos seres. Lessa diz que se trata de uma propriedade essencial ao trabalho “ser um tipo de reação ao ambiente que produz algo ontologicamente antes inexistente, algo novo — que possibilita ao trabalho destacar os homens da natureza.”

(2016, p. 65). Seguindo esse raciocínio Engels demonstra que a capacidade de criação do homem através do trabalho ocorre porque este impõe uma relação de domínio e controle sobre a natureza, ele a “submete, pondo-a a serviço de seus fins determinados, imprimindo-lhe as modificações que julga necessárias, isto é, domina a Natureza” (ENGELS, 1979, p. 223). Para o filósofo alemão, assim como para Lukács, esta é a diferença essencial e decisiva entre o homem e os demais animais.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ENGELS, F. O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem. In: A Dialética da natureza. **Rio de Janeiro**: Paz e Terra, 1979.

FORTES, R.V. Trabalho e Gênese do Ser Social na “Ontologia” de György Lukács. **Florianópolis**: Em Debate/UFSC, 2016.

LESSA, S. Para compreender a ontologia de Lukács. 4. ed.- **Maceió**: Coletivo Verdes, 2016.

LUKÁCS, G. As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem. p. 1-25. (Em manuscrito "in: "Termas" v.4"). In: Jovem Marx e outros escritos de filosofia. **Rio de Janeiro**: Editora da UFRJ, 2007.

_____. Para uma ontologia do ser social I. **São Paulo**: Boitempo, 2012.

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. **São Paulo**: Nova Cultural. Livro I, Tomo I, 1985.

MORAES, B.; AYRES, N.; TERCEIRO, E.; JIMENEZ, S. A categoria trabalho em Marx e Engels: uma análise introdutória de sua legalidade onto-histórica. **Revista Eletrônica Arma da Crítica**. Ano 2. Número 2, Março. 2010.

OLIVEIRA, R. A. A concepção de trabalho na filosofia do Jovem Marx e suas implicações antropológicas. **Kínesis**, Vol. II, nº 03, Abril-2010, p. 72 – 88